

Divulgação Sony Pictures



Walter Salles orienta Fernanda Montenegro e Vinícius Oliveira no set de filmagens de 'Central do Brasil'

Divulgação



Daniela Thomas (de óculos) e Salles (na câmera) nas filmagens durante as filmagens de 'Terra Estrangeira'

'Me interesseo muito mais pelas pessoas que eu não conheço, pelos territórios a que não fui'

Aos 68 anos, Walter Salles recorre à descrição de um blazer e camiseta básica em muitas de suas aparições públicas, não é presente nas redes sociais e passa pelos tapetes vermelhos em modo "low profile", contrariando as pavoneadas que correm nas veias de Hollywood, uma meca de personalidades agigantadas.

Talvez por berço, o glamour nunca o deslumbrou. Filho do diplomata Walther Moreira Salles, que foi embaixador nos Estados Unidos e responsável por negociar a dívida externa brasileira no segundo governo de Getúlio Vargas, o cineasta é um dos herdeiros do maior banco do país, o Itaú Unibanco, fruto de fusões que se iniciaram com a Casa Bancária Moreira Salles, há um século.

Mas não foi só a fortuna pessoal, avaliada em R\$ 26,5 bilhões, que deu ao artista acesso às elites intelectuais e artísticas do mundo, gestando o cineasta que desfila hoje no Os-

car. Walther, o pai, era amigo de algumas das figuras mais importantes do século passado, como Assis Chateaubriand, Ary Barroso, Greta Garbo e os Rockefellers. Mais do que pelo tino comercial, era conhecido por seus jantares e festas, um de seus maiores ativos políticos.

A mãe, Elisa Moreira Salles, ou Elisinha, era descrita em jornais da época como uma mulher renascentista. Era culta, elegante, politizada, um pouco como Eunice Paiva. Integrou uma comitiva que visitou a China às vésperas da Revolução Cultural de Mao Tse-Tung e relatou a ebulição social que testemunhara à revista O Cruzeiro.

"Existia uma grande liberdade para que cada um de nós definisse o seu destino. Nunca fomos tolhidos nos nossos percursos individuais", diz João Moreira Salles, irmão de Walter e também cineasta. Na sua obra está o documentário "No Intenso Agora", feito a partir de filmes caseiros da viagem da mãe à China.

"Jamais faltou estímulo. Fazem parte

das minhas memórias de infância a grande biblioteca do meu pai e as visitas quase compulsórias a museus, na companhia da minha mãe. Na época, era o preço que a gente tinha que pagar para depois se divertir. Hoje, sei que muito daquilo ficou. Ela educou o nosso olho."

Quando adolescente, o artista tinha um laboratório de fotografia no porão de casa. "O germe do cinema talvez estivesse ali", diz João. Ele lembra que, numa viagem, o irmão levou uma câmera, reuniu os amigos e dirigiu um filme caseiro. A namoradinha da época era a protagonista, e João fazia as vezes de um músico incompreendido.

"Todas as cenas eram improvisadas. Como as pessoas inventaram na hora o que dizer, aconteceu uma coisa interessante. As implicâncias da vida foram levadas para a cena. Uma delas acabava com uma amiga dizendo para outra, com quem havia brigado, 'sua putinha!'. Ou seja, a encenação dizia a verdade. Quem sabe aquilo não ficou registrado na cabeça dele."

Walter também tem como irmãos Pedro e Fernando Moreira Salles. O primeiro integra a presidência do conselho de administração do Itaú Unibanco. O segundo é, entre outras coisas, um dos sócios da Companhia das Letras, uma das principais editoras do país.

O quarteto integra o conselho do IMS, o Instituto Moreira Salles, centro cultural com sedes no Rio, São Paulo e em Poços de Caldas (MG), e também tem uma fatia da Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração, líder mundial na comercialização de nióbio. O minério, raro, tem todo tipo de uso, de ligas para a construção de pontes à fabricação de marca-passos.

Investimentos no setor energético, em transporte e na Alpargatas, fabricante dos chinelos Havaianas, completam a variada cartela de investimentos da família. Com João, Walter compartilha também a produtora Videofilmes, que está por trás de "Ainda Estou Aqui".

Na outra ponta da árvore genealógica estão os dois filhos, Vicente, de 18 anos, e He-